



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Comunicação de estereótipos em bilingues de Português Europeu (L1) e de
Inglês (L2)

Katherine Sobreiro Lopes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Social e das Organizações

Orientadoras:

Doutora Margarida Vaz Garrido, Professora Associada

ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Magda Saraiva, Investigadora de Pós-Doutoramento

Centro de Investigação e Intervenção Social, ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2019

Agradecimentos

Uma dissertação de mestrado como qualquer outra é um percurso longo e com muitas dificuldades pelo meio. Passar por este trajeto só foi possível com o apoio e ajuda de algumas pessoas que tornaram todos os momentos mais fáceis e fizeram com que a minha meta se tornasse cada vez mais alcançável.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Doutora Margarida Vaz Garrido e à Doutora Magda Saraiva por me terem dado a oportunidade de estudar um tema tão relevante e com particular significado pessoal, assim como por toda a orientação, ajuda e apoio que me proporcionaram durante todos estes meses. Sem elas nunca teria conseguido alcançar este objetivo, e como tal estou-lhes imensamente grata.

Em segundo lugar, a todas as pessoas que ajudaram na recolha de dados para este estudo, sejam elas participantes que despenderam o seu tempo para colaborar no estudo seja às pessoas que me ajudaram na sua divulgação e tornaram esta fase um pouco mais fácil.

Queria agradecer também a todos os meus colegas que me acompanharam neste percurso, que se mostraram sempre disponíveis nas horas mais complicadas. Um obrigada em particular à minha colega, Carina Freitas, que me auxiliou em algumas fases da realização desta dissertação.

Um especial obrigado a toda a minha família, nomeadamente aos meus pais sem os quais nunca teria conseguido chegar a esta etapa. Foram eles que sempre me incentivaram a procurar e querer mais e nunca desistir dos meus desafios porque estes se estavam a tornar difíceis.

Deixo um enorme agradecimento também a todos os meus amigos e ao meu namorado que sempre conseguiram apoiar-me e motivar-me nos momentos de maior dificuldade. Aos que sempre me acompanharam neste processo um gigante obrigada.

Por último, um especial agradecimento ao ISCTE-IUL, a minha segunda casa nos últimos cinco anos, onde eu passei por inúmeras felicidades, conquistas e falhanços e que me deu inúmeros momentos fantásticos. Não poderia ter escolhido uma melhor Instituição para este percurso.

Resumo

O mundo globalizado apresenta inúmeras oportunidades, mas também coloca novos desafios, nomeadamente ao nível da linguagem e da comunicação onde se destaca a necessidade de dominar pelo menos uma segunda língua (L2) além da nativa (L1).

A literatura tem mostrado diferenças na comunicação entre L1 e L2, particularmente a menor intensidade do processamento afetivo e sensório-motor em L2. Paralelamente, vários estudos sugerem que a linguagem influencia as inferências que fazemos acerca dos outros e a perceção do seu comportamento. O presente estudo procura analisar a forma como indivíduos bilingues de Português Europeu (L1) e de Inglês (L2) descrevem comportamentos baseados em estereótipos de género nas duas línguas.

Em primeiro lugar, procurámos replicar o *Linguistic Expectancy Bias* (Maass, Milesi, Zabbini & Stahlberg, 1995), ou seja, descrições mais abstratas de comportamentos estereotipicamente consistentes e mais concretas de comportamentos estereotipicamente inconsistentes. Em segundo, devido à menor intensidade do processamento afetivo e sensório-motor, espera-se que a descrição de estereótipos em L2 (vs. L1) seja mais abstrata. Finalmente, a proficiência em L2 poderá moderar os resultados, ou seja, quanto mais proficiência em L2, mais atenuadas serão as diferenças na descrição dos estereótipos em L1 e L2.

Estas hipóteses foram testadas através de um questionário (baseado em Wigboldus, Semin & Spears, 2000) aplicado a uma amostra de 110 participantes, solicitando quatro descrições comportamentais estereotípicas variando em género e desejabilidade, em Inglês ou Português. Os resultados replicam o LEB, embora este tenha sido observado nas duas línguas e não tenha sido moderado pela proficiência em L2.

Palavras-chave: Linguagem; Comunicação; Linguistic Expectancy Bias; Abstração.

Códigos de Classificação da APA:

2300 Psicologia Experimental Humana

2340 Processos Cognitivos

2720 Linguística e Linguagem e Discurso

3000 Psicologia Social

3040 Perceção Social e Cognição

Abstract

A globalized world presents numerous opportunities, but also places new challenges, namely regarding language and communication in particular the need of mastering at least one second language (L2) besides the native one (L1).

Literature has shown that communication in L1 is different than in L2, particularly the lower intensity of the affective and sensorimotor processing in L2. In parallel, several studies suggest that language influences the inferences we make about others and how we perceive their behavior. The present study seeks to analyze the way bilingual individuals of European Portuguese (L1) and English (L2) describe gender stereotype-based behaviors in both languages.

First, we sought to replicate the *Linguistic Expectancy Bias* (Maass, Milesi, Zabbini & Stahlberg, 1995) that is, a more abstract description of stereotype consistent behaviors and a more concrete description of stereotype inconsistent behaviors. Secondly, because of the lower intensity of affective and sensorimotor processing, we expect that stereotypic descriptions in L2 (vs. L1) will be more abstract. Finally, L2 proficiency may moderate the results, in other words, the bigger the proficiency in L2 the lower the differences in the stereotype descriptions in L1 and L2 will be.

These hypotheses were tested through a questionnaire (based on Wigboldus Wigboldus, Semin & Spears, 2000) applied to a sample of 110 participants, requesting four stereotypical behavioral descriptions varying in gender and desirability, in English and Portuguese. The results replicate the LEB, although this was observed in both languages and not moderated by L2 proficiency.

Keywords: Language; Communication; Linguistic Expectancy Bias; Abstraction.

APA Classification Codes:

2300 Human Experimental Psychology

2340 Cognitive Processes

2720 Linguistics & Language & Speech

3000 Social Psychology

3040 Social Perception & Cognition

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Processamento emocional em L1 e L2..... | 3 |
| Medidas de autorrelato | 4 |
| Contexto clínico..... | 6 |
| Recordação de palavras | 7 |
| Estudos experimentais | 9 |
| Medidas psicofisiológicas | 12 |
| <i>Linguistic Expectancy Bias</i> e Comunicação de Estereótipos | 14 |
| Objetivos e Hipóteses | 16 |
| Método..... | 18 |
| Amostra e design | 18 |
| Instrumentos | 18 |
| Procedimento | 19 |
| Resultados..... | 21 |
| Discussão Geral | 24 |
| Referências | 28 |

Introdução

O mundo atual é cada vez mais globalizado. Nos dias de hoje, existem cada vez menos obstáculos ou entraves à deslocação das pessoas entre países, o que permite viajar com frequência, seja por razões profissionais ou por lazer. Assiste-se assim, cada vez mais, a processos de mobilidade, alguns mais temporários outros mais permanentes. São também comuns nos dias de hoje alianças políticas, económicas e comerciais entre diferentes países assim como entre várias empresas e organizações multinacionais. Paralelamente, a tecnologia atual permite a comunicação e interligação entre todos os pontos do mundo. Onde quer que estejamos, conseguimos estar em constante conexão com o resto do planeta, sem termos que nos deslocar, seja pelas redes sociais (e.g., Facebook, Twitter, Instagram) ou através de plataformas avançadas de comunicação (e.g., WhatsApp, Skype, videochamadas).

Apesar desta globalização nos trazer inúmeros benefícios, também nos coloca algumas exigências, nomeadamente ao nível da linguagem e da comunicação. O facto de conseguirmos estar ligados ao resto do mundo e de nos ser possível viajar, trabalhar ou viver noutros países, ou mesmo comunicar com algumas pessoas no nosso próprio país, faz com que seja necessário termos um domínio mínimo de, pelo menos, uma segunda língua (L2) além da língua nativa (L1).

O bilinguismo, isto é, o conhecimento e utilização de mais do que uma língua (e.g., Itzhak, Vingron, Baum, & Titone, 2017), é um fenómeno que tem vindo a crescer. Em Portugal, por exemplo, desde bem cedo o Inglês está incluído no plano curricular dos estudantes de forma a serem fornecidas ferramentas básicas para a aprendizagem e domínio desta língua. A aquisição desta segunda língua é atualmente essencial para estudar na universidade, para a inserção num mercado profissional competitivo, e para estar em contacto com o resto do mundo (e.g., Garrido & Prada, 2018). Estas necessidades fazem com que seja cada vez mais importante perceber de que forma comunicamos numa segunda língua e as suas consequências.

Contudo, a literatura tem mostrado que a comunicação noutra língua que não a nativa não é assim tão fácil por mais proficientes que sejamos. Vários autores sugerem que a forma como comunicamos numa língua nativa difere da comunicação numa segunda língua (e.g., Bond & Lai, 1986). Ser bilingue é sobretudo uma experiência diferente de ser monolíngue (e.g., Itzhak et al., 2017) e envolve processos diferentes. Por esta razão, o estudo de bilingues

é necessário e importante para clarificar a relação entre linguagem, cognição e emoção, e para entender se diferentes línguas são processadas de igual forma (Azevedo, 2016).

O presente estudo procura explorar como é que a comunicação em diferentes línguas, designadamente o Português Europeu (L1) e o Inglês (L2), afeta a nossa perceção social. Vários estudos têm demonstrado que a língua em que comunicamos influencia as inferências que fazemos acerca dos outros e como percebemos e entendemos o seu comportamento (e.g., Geipel, Hadjichristidis, & Surian, 2015; Matsumoto, Anguas-Wong, & Martinez, 2008; Matsumoto & Assar, 1992). Como tal, pretende-se com este estudo complementar a literatura e obter evidência adicional de que em diferentes línguas fazemos diferentes inferências acerca dos outros, mais especificamente, tendemos a descrever estereótipos sociais de forma diferente.

Numa primeira parte apresenta-se um resumo de algumas diferenças que a literatura reporta acerca do processamento de uma língua nativa e de uma segunda língua. Seguidamente, apresenta-se uma breve revisão do modo como a utilização da linguagem pode estar na origem e transmissão de estereótipos. De seguida, testamos experimentalmente se estes processos de perceção e inferência social diferem em função da língua utilizada. Finalmente, apresenta-se a discussão geral, algumas limitações do estudo e pistas para investigação futura.

Processamento emocional em L1 e L2

A linguagem desempenha um papel fundamental na expressão de emoções (Garrido & Prada, 2018). No entanto, e como referido anteriormente, os bilingues não comunicam de igual forma nas diferentes línguas. A literatura sugere que a eficácia da comunicação bilingue é afetada conjuntamente pela proficiência, emotividade e personalidade de um indivíduo na sua L2 (e.g., Itzhak et al., 2017).

É sabido que o processamento emocional em L1 e L2 é diferente (e.g., Caldwell-Harris, 2015). A literatura neste campo sugere que existem diferenças emocionais entre L1 e L2 uma vez que aprendemos uma e outra língua em contextos emocionais diferentes e em fases distintas do desenvolvimento. Especificamente, quando L2 é aprendida depois da puberdade, as duas línguas vão ter impactos emocionais diferentes sendo que L1 caracteriza-se por ter mais envolvimento pessoal e L2 mais distância e desapego emocional (Pavlenko, 2002). Uma vez que o típico é adquirir ambas as línguas em fases diferentes da vida, é normal que a emotividade associada a cada uma delas seja diferente. A língua nativa é tipicamente adquirida numa fase inicial de vida em contextos emocionalmente ricos e importantes como a família (Azevedo, 2016). A maioria das experiências consideradas importantes no desenvolvimento de uma criança são geralmente vividas em L1 (e.g., aprender a andar, criar laços com a família). Pelo contrário, L2, é geralmente aprendida em contextos emocionais mais neutros como na escola. Esta aprendizagem num ambiente mais neutro não possibilita tantas oportunidades de socialização afetiva e não requer tanto o envolvimento das várias capacidades sensoriais e motoras (Azevedo, 2016).

Vários estudos têm revelado que quando comunicamos na língua nativa temos tendência a conseguir expressar melhor as nossas emoções assim como compreender as dos outros (e.g., Matsumoto et al., 2008). Pavlenko (2005), por exemplo, aponta que muitos bilingues afirmaram que sentem que a comunicação na sua segunda língua, em comparação com a sua língua nativa, é muito menos emotiva e que apesar de saberem perfeitamente o significado das palavras em L2, não conseguem “senti-las” tão bem como em L1. Alguns admitem até que se sentem menos comovidos ao comunicar ou ouvir expressões carinhosas numa segunda língua (Pavlenko, 2005). Costa e colaboradores (2014) por sua vez, concluíram que a comunicação numa língua estrangeira provoca reações emocionais menos intensas em comparação com uma língua nativa.

De seguida, apresenta-se uma breve revisão de alguns estudos que procuraram explorar estas diferenças entre L1 e L2 com base em abordagens metodológicas distintas. Esta revisão será dividida de acordo com as metodologias utilizadas em cada estudo apresentado.

Medidas de autorrelato

A literatura neste campo utilizando medidas de autorrelato é vasta. São vários os autores que conseguiram demonstrar as diferenças no processamento emocional de L1 e L2. De uma forma geral, os estudos baseados em medidas de autorrelato têm demonstrado uma vantagem emocional de L1 em relação a L2 (Azevedo, 2012). Dewaele assume um papel central neste campo utilizando, em muitos dos seus estudos, medidas de autorrelato para observar as desigualdades emocionais associadas a várias línguas. Dewaele (2004), reuniu uma amostra de 1039 multilingues com um total de 75 línguas nativas diferentes e colocou-lhes um questionário online com 34 perguntas relacionadas com o bilinguismo e as emoções. O objetivo do autor era verificar se os multilingues percecionavam palavrões da mesma forma em várias línguas. Para isto, o autor questionou os participantes sobre em que língua preferiam dizer palavrões e sobre qual o peso emocional que depositavam nos mesmos em cada língua. O autor verificou que os participantes sentiam que os palavrões tinham uma força emocional muito maior em L1 do que em L2. Alguns indivíduos afirmaram que não costumavam dizer palavrões na sua língua nativa, mas que ocasionalmente as diziam em L2 porque não sentiam que os mesmos eram tão sérios como se fossem ditos em L1. Outros participantes comentaram que não conseguem praguejar em L1 porque sentem que essas palavras são emocionalmente muito intensas e *taboo*. Um grupo de participantes com parceiros com uma L1 diferente da sua, comentaram que tinham tendência para discutir em L2, mas davam por si a meio da discussão a praguejar em L1. Num estudo semelhante, Dewaele (2010) concluiu ainda que os indivíduos preferiam praguejar em L1, e que tinham tendência para utilizar L1 para comunicar sentimentos como raiva, para falar dos seus filhos, para realizar cálculos mentais e para produzir discursos internos.

Num outro estudo, também com multilingues (Dewaele, 2008), o autor procurou saber se a emoção atribuída a uma mesma frase apresentada nas diferentes línguas era semelhante. Para tal perguntou aos participantes se a frase “Eu amo-te” tinha a mesma carga emocional nas várias línguas que falavam e em qual delas é que era mais forte dizê-la e ouvi-la. A grande maioria dos participantes afirmou que a frase tinha mais significado emocional na sua L1, apesar de alguns até terem um nível elevado de proficiência em L2. Muitos indivíduos

disseram que a carga emocional da frase era muito maior em L1 porque tinha sido a língua onde tinham experienciado pela primeira vez o amor. Alguns dos participantes afirmaram até que era muito mais fácil dizer “Eu amo-te” em L2 e quase impossível em L1. Estes resultados apontam para a possibilidade de nos distanciarmos emocionalmente em L2 quando queremos comunicar algo que para nós é mais sensível.

Ainda nesta linha de investigação, Dewaele e Nakano (2013) solicitaram a uma amostra de 106 multilingues, que preenchessem um questionário que se focava essencialmente em como se sentiam nas várias línguas que dominavam. Utilizando uma escala de tipo *Likert*, os participantes deveriam responder quão lógicos, sérios, emocionais, falsos e diferentes se sentiam em cada língua que falavam e por fim deveriam comentar como se sentiam quando mudavam de idioma. Os autores concluíram que a grande maioria dos participantes se sentiam significativamente menos lógicos, menos emocionais e menos sérios quando falavam em línguas que não a sua L1. Também afirmaram sentir-se mais falsos e diferentes quando comunicavam em línguas que tinham sido aprendidas numa fase mais tardia da vida. Contudo, alguns indivíduos mencionaram que não sentiam qualquer diferença uma vez que não eram definidos pela língua que utilizavam.

Marian e Kaushanskaya (2008), realizaram um estudo de modo a verificar a emotividade presente em memórias autobiográficas em L1 e L2. Pediram a uma amostra de 47 bilingues de Russo e Inglês que falassem sobre a sua experiência de imigração nos Estados Unidos, sendo que metade falou em Russo (L1) e outra metade em Inglês (L2). Os autores observaram que surpreendentemente, os participantes usavam mais palavras emocionais quando falavam na sua L2 e que tendiam a utilizar mais expressões negativas do que positivas. Marian e Kaushanskaya (2008), explicam estes resultados afirmando que em L2 somos mais emocionalmente desprovidos. Como tal, para conseguirem explicar melhor as suas experiências tinham que utilizar mais expressões/palavras emocionais.

Mais recentemente, Garrido e Prada (2018), realizaram um estudo com Portugueses nativos que tinham como segunda língua o Inglês. Especificamente, as autoras, procuraram verificar de que forma os bilingues avaliavam palavras em L1 e L2. Para tal, pediram a 230 estudantes que avaliassem um conjunto de palavras em termos de valência, intensidade emocional e familiaridade. Cada participante teve que classificar 80 palavras neutras, positivas, negativas e *taboo*, sendo que 40 palavras eram apresentadas em Português (L1) e 40 palavras em Inglês (L2). Os participantes classificaram de forma mais extrema (mais negativa quando a palavra era negativa, e mais positiva quando a palavra era positiva) e familiar as

palavras em Português. No entanto, apenas observaram diferenças significativas relativamente à intensidade emocional nas palavras *taboo*. Estas conclusões enfatizam que as diferenças linguísticas do processamento afetivo das palavras podem ser mais perceptíveis em apenas algumas dimensões como a valência ou somente em algumas categorias de palavras como as *taboo* (Garrido & Prada, 2018) e não em todo o processamento emocional.

Contexto clínico

Para além de existirem evidências destas diferenças emocionais, encontram-se também benefícios por estas existirem, como por exemplo a possibilidade de nos distanciarmos emocionalmente de temas mais sensíveis. Como Bond e Lai (1986) referem, tópicos que são mais sensíveis numa primeira língua tornam-se mais acessíveis numa segunda.

Os estudos realizados em contexto clínico demonstram muito bem os benefícios deste distanciamento emocional. Santiago-Rivera, Altarriba, Poll, Gonzalez-Miller, e Cragun (2009), estudaram este fenómeno com nove terapeutas bilingues de Espanhol e Inglês. Os autores realizaram entrevistas aos participantes onde foram questionados acerca de que língua costumavam utilizar durante as suas sessões, quando é que mudavam de língua, que vantagens para a terapia advinham de serem bilingues, quais as estratégias utilizadas, entre outras. Os participantes afirmaram que mudam de língua para alcançar vários objetivos, nomeadamente para criar uma ligação e confiança com o cliente, para quebrar a resistência do mesmo ao processo de terapia, para melhorar a comunicação e para conseguir chegar melhor ao cliente. De uma forma geral, os autores concluíram que, neste contexto, a mudança de língua tem muitos benefícios, entre eles, permite ter um melhor acesso às experiências do cliente, aumenta a expressão emocional e ajuda o terapeuta a facilitar todo o processo terapêutico. Para além disto, verificaram que esta mudança ajuda os clientes a falar sobre tópicos mais sensíveis uma vez que permite um distanciamento emocional. Por exemplo, quando os clientes queriam falar de um evento negativo na sua vida mudavam o seu discurso para L2. Isto aponta para o distanciamento emocional de uma segunda língua uma vez que por vezes é mais fácil falar de tópicos embaraçosos ou emocionalmente “pesados” em L2 do que em L1 (Azevedo, 2012).

Dewaele e Costa (2013), também demonstraram que os clientes em terapia por vezes escolhem em que língua querem comunicar dependendo do que querem transmitir e de que emoções estão associadas a esses conteúdos. Neste estudo, através de um questionário online, os autores pediram a uma amostra de bilingues e multilingues que já tinham feito

psicoterapia para falarem das suas experiências. O questionário tinha algumas perguntas fechadas acerca das suas experiências, percepções e atitudes em relação a terapeutas multilingues. Os participantes tinham também quatro perguntas abertas onde deveriam comunicar uma situação em que tivessem mudado de língua durante a terapia e sentido que era benéfico o terapeuta ter mudado de língua. Os autores concluíram que era importante para os indivíduos saber que o terapeuta era multilingue uma vez que tal promovia uma maior compreensão pelo outro. Observaram também que era muito importante por vezes mudar de língua quando falavam de assuntos mais sensíveis porque lhes permitia distanciarem-se emocionalmente.

Recordação de palavras

As diferenças entre L1 e L2 em tarefas de recordação não são ainda muito claras. Anooshian e Hertel (1994), realizaram o primeiro estudo relativo a representações linguísticas e recordação de palavras em indivíduos bilingues. Estes autores reuniram uma amostra de 36 indivíduos fluentes em Espanhol e Inglês, sendo que metade tinha como língua nativa o Espanhol e a outra metade o Inglês. Foi pedido aos participantes que avaliassem uma lista de 36 palavras, 18 em Inglês e 18 em Espanhol, relativamente à sua facilidade em pronunciar, atividade implícita da palavra e emotividade da mesma. Cada palavra aparecia no ecrã do computador durante 5 segundos sendo que depois os participantes deveriam classificá-las. Após a avaliação, os participantes eram surpreendidos com uma tarefa de recordação de palavras, que era o verdadeiro foco do estudo. Os autores concluíram que quando apresentadas em L1, eram recordadas mais palavras emocionais do que neutras, o que não acontecia em L2. Estas conclusões apontam para a existência de maior recordação em L1 comparativamente a L2, mas apenas para palavras emocionais.

Ayçiçegi e Harris (2004), pediram a uma amostra de 42 bilingues de Turco e Inglês que avaliassem um conjunto de palavras neutras, positivas, negativas e *taboo* em relação à sua agradabilidade. À semelhança do estudo realizado por Anooshian e Hertel (1994), depois da tarefa de avaliação, metade dos participantes foram surpreendidos com uma tarefa de recordação, e outra metade com uma tarefa de reconhecimento. Contrariamente ao que a literatura tinha mostrado, Ayçiçegi e Harris (2004), concluíram que não existia maior recordação de palavras emocionais em L1. Observaram que em ambas as línguas eram recordadas mais palavras positivas e negativas do que neutras, no entanto, não se verificava que isto acontecia mais em L1 do que em L2, pelo contrário, em L2 até foram recordadas

mais palavras negativas. Ayçiğegi-Dinn e Caldwell-Harris (2009), realizaram um estudo semelhante e chegaram a conclusões idênticas. As autoras avançaram algumas explicações para os níveis semelhantes de recordação de palavras observados em ambas as línguas. Segundo as mesmas, nos estudos anteriores os resultados podem ter sido “enviesados” porque houve uma ativação maior da segunda língua uma vez que os participantes se encontravam no país da sua L2. Pelo contrário, neste estudo mais recente (2009), as autoras descartaram esta possibilidade porque os participantes estavam no seu país de origem. As autoras explicam também que usaram várias tarefas de modo a não encorajar uma codificação mais profunda de palavras em L2, o que (inadvertidamente) poderá ter ocorrido em estudos anteriores. Por último, as autoras propõem que a realização de tarefas mais superficiais faz com que o processamento automático que se dá nas duas línguas seja mais semelhante, daí os resultados idênticos entre a recordação em L1 e L2.

Ferré, García, Fraga, Sánchez-Casas, e Molero (2010), também realizaram um estudo semelhante com participantes nativos de Espanhol que tinham como segunda língua o Inglês. Os autores realizaram um conjunto de três experiências para aceder à memória emocional dos participantes e verificar se de facto os bilingues conseguem recordar mais palavras com significado emocional na sua língua nativa em comparação com a segunda língua. Nas primeiras duas experiências, participaram apenas indivíduos bilingues de Espanhol e Catalão que tinham adquirido ambas as línguas numa fase inicial da vida. Foi apresentada uma lista de 36 palavras (12 positivas, 12 negativas e 12 neutras) aos participantes, metade em Espanhol e metade em Catalão, e estes deveriam em primeiro lugar classificá-las em relação à sua agradabilidade numa escala de *Likert*. Depois, foi-lhes pedido que escrevessem numa folha o máximo de palavras que recordavam. Os autores concluíram que independentemente de a recordação ser feita em L1 ou L2, os participantes recordavam-se mais das palavras positivas e negativas em comparação com as neutras. No terceiro e último estudo, foram reunidos participantes bilingues de Espanhol e Inglês que, ao contrário dos indivíduos dos estudos anteriores, tinham adquirido a sua segunda língua mais tarde. O procedimento desta experiência foi igual às anteriores e as conclusões a que chegaram foram semelhantes. Concluiu-se que os participantes recordavam mais palavras positivas e negativas sendo que as diferenças de recordação entre L1 e L2 foram muito pouco significativas. Os resultados de Ferré e colaboradores (2010), contrariaram os resultados de Anooshian e Hertel (1994), sugerindo assim que o efeito de memória emocional se observa não só em L1, mas também em L2.

Marmolejo, Diliberto-Macaluso, e Altarriba (2015), procuraram estudar a memória em participantes bilíngues, mais especificamente a produção de falsas memórias através de uma tarefa de recordação de palavras. Os autores pediram a uma amostra de 119 bilíngues de Espanhol (L1) e de Inglês (L2) que realizassem duas tarefas onde inicialmente ouviam um conjunto de palavras e de seguida escreviam o maior número de itens que se recordassem. Posteriormente, os participantes faziam um “teste escrito” que consistia em responderem se tinham ouvido anteriormente as palavras apresentadas e indicar numa escala de -3 (tenho completamente a certeza de que não ouvi isto) a +3 (tenho completamente a certeza de que ouvi isto) o quão confiantes estavam que tinham ouvido aquele item. Foram apresentadas aos participantes palavras que tinham sido aprendidas e outras novas de modo a verificar se existiam falsas recordações. Os resultados mostraram que os participantes se recordavam de mais palavras na sua língua dominante (Inglês), no entanto, o número de falsas memórias também foi maior em Inglês. Os autores apontam que este resultado pode ter acontecido porque os participantes tinham uma diferença pequena nos níveis de proficiência. O facto de terem um pouco menos de proficiência em Espanhol fez com que se recordassem de menos palavras, mas também resultou em que tivessem menos falsas memórias do que em Inglês.

Estudos experimentais

Muitos autores têm vindo a realizar estudos experimentais de forma a testar as diferenças emocionais entre L1 e L2 assim como as características mais salientes dessas diferenças.

Bond e Lai (1986), foram dos primeiros autores a demonstrar o distanciamento emocional de L2. Os autores reuniram uma amostra de 48 mulheres chinesas que tinham como segunda língua o Inglês. As mulheres foram agrupadas em pares e colocadas numa tarefa de entrevista onde uma deveria desempenhar o papel de entrevistadora e a outra de entrevistada. A tarefa consistia em colocar perguntas estipuladas num guião, em Inglês (L2 das participantes) ou em Cantonês (L1 das participantes), e as perguntas a que deveriam responder incidiam sobre tópicos embaraçosos. Os temas constrangedores sobre os quais as participantes deveriam falar eram sobre atitudes sexuais dos Chineses e dos Ocidentais e deveriam também relatar um acontecimento embaraçoso recente. Os autores concluíram que as entrevistadas falaram durante mais tempo sobre os tópicos constrangedores em Inglês (L2). Através de um questionário realizado após o estudo, verificou-se que as participantes se sentiram mais constrangidas e ansiosas ao falar de temas embaraçosos em Cantonês (L1).

Estes resultados são consistentes com a ideia de que existe uma maior ativação emocional quando se fala de tópicos embaraçosos numa língua nativa em comparação a uma segunda língua e que é mais fácil para os indivíduos bilingues distanciarem-se emocionalmente em L2 do que em L1.

Gawinkowska, Paradowski, e Bilewicz (2013), testaram a facilidade em dizer palavrões em L1 e L2. Para tal, pediram a uma amostra de 61 bilingues de Polaco (L1) e Inglês (L2) que traduzissem textos de Polaco para Inglês e vice-versa, onde estavam presentes alguns palavrões. Posteriormente, entregaram aos participantes uma lista com alguns dos palavrões que estavam nos textos e pediram que classificassem numa escala de *Likert* de 1 (nada ofensivo) a 5 (muito ofensivo) o quão ofensivos eram. Após esta tarefa de classificação, os autores traduziram os palavrões e enviaram-nos aos participantes que deveriam classificá-los novamente. Os autores concluíram que os participantes consideraram muito mais fácil praguejar e ofender outras pessoas em L2. Este estudo mostra que falar numa L2 possibilita um certo distanciamento emocional e que dizer palavrões numa segunda língua dispensa os indivíduos de constrangimentos sociais que teriam que enfrentar se os dissessem numa língua nativa.

Kazanas e Altarriba (2015), pediram a uma amostra de 60 estudantes bilingues de Espanhol e Inglês que classificassem palavras. Utilizaram um conjunto de itens onde estavam algumas palavras emocionais (e.g., felicidade) e outras palavras que despoletam uma emoção (e.g., gatinho). Os participantes deveriam classificar os itens que apareciam durante alguns segundos no ecrã. Os autores concluíram que os participantes eram mais rápidos a responder a palavras emocionais, no entanto isto apenas se verificou quando as mesmas eram apresentadas na língua nativa dos participantes (Espanhol).

Costa e colaboradores (2014), por sua vez, utilizaram uma versão do conhecido *trolley dilemma* (Foot, 1967) para testarem a sua hipótese de que juízos morais em L2 são menos afetados por emoções. Os participantes deveriam imaginar-se numa ponte a olhar para uma linha ferroviária onde circulava um comboio que estava prestes a matar cinco pessoas e a única maneira de impedi-lo era empurrar um homem para a frente do comboio. Esta decisão resultava na morte do homem, mas salvava a vida das outras cinco pessoas. A decisão utilitária do dilema é sacrificar o homem para salvar as cinco pessoas, no entanto, isto vai contra a proibição moral de matar. Como tal, os autores previam que a escolha de matar o homem teria maior probabilidade de ocorrer em L2. O dilema foi apresentado em L1 e L2 a duas amostras diferentes de bilingues de várias línguas e, tal como previsto, os participantes

apresentaram maior tendência para escolher a opção utilitária quando tinham que tomar a decisão em L2. Estes resultados apoiam a hipótese que os autores tinham proposto, nomeadamente de que a reduzida emotividade de uma língua estrangeira permite que os indivíduos sejam menos afetados por terem que sacrificar o homem, facilitando assim as decisões utilitárias (Costa et al., 2014). O estudo destes autores mostrou que os indivíduos tendem a tomar decisões mais racionais e a envolverem-se em processos de decisão menos enviesados em L2, uma vez que conseguem distanciar-se emocionalmente quando comunicam numa segunda língua.

Existem também estudos que utilizam o efeito de *Stroop* para testar as diferenças emocionais em L1 e L2. Por exemplo, Eilola, Havelka, e Sharma (2007), utilizaram uma tarefa de *Stroop* em 41 Finlandeses que tinham como segunda língua o Inglês. Os autores utilizaram como estímulo palavras neutras, positivas, negativas e *taboo*, e instruíram os participantes para ignorar o significado da palavra e somente reportar a cor da mesma o mais rápido possível. Os resultados mostraram, contrariamente ao que era esperado, que os participantes independentemente de realizarem a tarefa em L1 ou L2, demoravam mais tempo a reportar a cor da palavra quando esta era negativa ou *taboo*.

Colbeck e Bowers (2012), realizaram um estudo com 48 Chineses que tinham como segunda língua o Inglês, e 20 Ingleses nativos. O estudo consistia na apresentação de várias palavras, algumas neutras e outras *taboo* e os participantes deveriam clicar numa tecla específica quando aparecesse a palavra alvo que estava numa cor diferente. Foi indicado aos participantes que deveriam ignorar todas as palavras que aparecessem exceto a que estivesse colorida. O tempo de reação na deteção da palavra alvo foi medido. Os autores concluíram que os participantes Ingleses que fizeram a experiência na sua língua nativa tinham mais dificuldade em identificar a palavra alvo quando esta era precedida por uma palavra *taboo* em comparação aos participantes Chineses. Isto acontece porque as palavras *taboo* funcionam como distratores atencionais, e esta distração é amplificada na nossa língua nativa uma vez que depositamos maior significado nessas palavras do que quando as mesmas são apresentadas numa segunda língua. Este estudo demonstra que as pessoas que aprendem a sua segunda língua mais tarde (por muito que a usem no dia-a-dia) têm maior facilidade em se distanciarem do significado das palavras.

Ponari e colaboradores (2015), utilizaram uma tarefa de primacção afetiva numa amostra de 95 Ingleses nativos e 156 pessoas que tinham o Inglês como segunda língua. Pediram aos participantes que realizassem uma tarefa de decisão lexical onde deveriam

indicar a valência (positiva, negativa, neutra) de uma série de palavras apresentadas. Ao contrário de alguns estudos, os autores não encontraram diferenças na rapidez ou acuidade com que os participantes realizaram a tarefa independentemente de esta ser feita em L1 ou L2. Este estudo apontou para uma semelhança no processamento das palavras nas duas línguas.

Medidas psicofisiológicas

O estudo das diferenças entre L1 e L2 através de medidas psicofisiológicas é vasto, mas apresenta também resultados contraditórios. Alguns estudos que averiguaram as diferenças emocionais entre uma língua nativa e uma segunda língua sugerem que devido à falta de conotação emocional de L2, esta deveria despoletar menos ativação do que L1 o que se manifestaria por exemplo numa reduzida resposta galvânica da pele (Azevedo, 2016).

Harris, Ayçiçeği, e Gleason (2003), por exemplo, realizaram um estudo com 32 participantes Turcos residentes nos Estados Unidos onde os mesmos leram ou ouviram algumas palavras enquanto a sua resposta galvânica da pele era medida. Os participantes ouviram/leram um total de 16 palavras neutras, 16 positivas, 16 negativas, 9 palavras *taboo* e 7 reprimendas, em Turco (L1) e em Inglês (L2). Os resultados mostraram que as maiores diferenças na reação galvânica entre L1 e L2 se observaram na presença de reprimendas. Os participantes também reagiram mais ao ouvirem palavras *taboo* em Turco do que em Inglês. As autoras concluíram então que a apresentação de palavras *taboo* e de reprimendas em L1 provoca maiores níveis de resposta psicofisiológica o que faz sentido considerando que temos uma maior ligação emocional com a nossa língua nativa e que o habitual é ouvirmos reprimendas dos nossos pais na nossa L1.

Harris (2004), chegou a conclusões semelhantes com uma amostra de bilingues Espanhóis que tinham como segunda língua o Inglês. A autora apresentou aos participantes algumas expressões que incidiam em palavras *taboo*, reprimendas, insultos e palavras afetuosas, em Espanhol e Inglês. Enquanto liam/ouviam as expressões e as avaliavam em termos de agradabilidade, a condutividade elétrica da pele dos participantes era medida. Harris (2004), concluiu que as palavras *taboo* conduziam a maiores níveis de resposta galvânica da pele em ambas as línguas, mas sobretudo as reprimendas, à semelhança do que Harris et al., (2003) verificaram. O resultado mais interessante deste estudo foi a observação de que bilingues que adquiriram a sua L2 em fases mais tardias da vida, não mostram tanta reação a reprimendas em L2, e pelo contrário, os indivíduos que adquiriram a segunda língua mais cedo reagiram de igual forma às reprimendas tanto em L1 como em L2. Este efeito é

importante uma vez que aponta para uma característica que atenua as diferenças emocionais entre L1 e L2, a idade de aquisição.

Simcox, Pilotti, Mahamane, e Romero (2011), realizaram um estudo envolvendo uma tarefa de pronúncia. Pediram a 48 participantes que lessem palavras *taboo* e neutras, em L1 e L2, em voz alta, enquanto a sua resposta galvânica da pele e o seu tempo de reação da leitura eram medidos. A hipótese proposta pelos autores é que quanto mais rapidamente os participantes lerem uma palavra numa língua, melhor será o processamento geral naquela língua em específico. Concluíram que o processamento das palavras lidas em Inglês (L1) era mais eficiente do que em Espanhol (L2), ou seja, quando liam na sua L1 tendiam a ler as palavras em voz alta muito mais depressa do que em L2. Os resultados mostraram também que a leitura de palavras *taboo* era muito melhor processada em comparação a palavras neutras, isto é, os participantes liam muito mais rapidamente palavras *taboo*. Relativamente à medida psicofisiológica, concluíram que o nível de ativação dos participantes era superior quando estes liam palavras *taboo* na sua L1, o que está de acordo com estudos realizados anteriormente.

Caldwell-Harris e Ayçiçeği-Dinn (2009), testaram em bilingues de Turco (L1) e Inglês (L2) se mentir em ambas as línguas conduzia à mesma resposta galvânica. Os participantes deveriam ler em voz alta algumas frases em Inglês e outras em Turco que previamente tinham sido estabelecidas como mentira ou verdade, enquanto isto, a sua resposta galvânica da pele estava a ser medida. Depois de lerem cada frase que correspondia a uma mentira, os participantes deveriam indicar como se sentiam emocionalmente. Os autores chegaram à conclusão que ler frases que eram mentira conduzia a respostas galvânicas da pele maiores do que ler frases que correspondiam à verdade, no entanto, verificaram que ao contrário do esperado, os participantes mostraram mais ativação em L2 do que em L1. Apesar de afirmarem que sentiam mais fortemente a mentira quando a diziam em Turco, as respostas galvânicas da pele mostraram o contrário.

Foroni (2015), por sua vez, realizou um estudo com 26 Holandeses nativos que tinham como segunda língua o Inglês. O autor tinha como objetivo verificar se o processamento emocional de uma segunda língua provoca simulações motoras, isto é, se ao serem expostos a expressões emocionais as pessoas têm respostas motoras da mesma forma que o têm numa primeira língua (Foroni & Semin, 2013). Para verificar isto, Foroni, utilizou uma série de afirmações na forma negativa (e.g., Eu não estou a sorrir) ou positiva (e.g., Eu estou a sorrir) e que expressavam emoções positivas (e.g., Eu estou a rir) ou neutras/irrelevantes (e.g., Eu

estou a bocejar) em L2. Os participantes eram expostos a estas afirmações enquanto a sua atividade muscular facial era medida através de eletromiografia (EMG) com elétrodos colocados em pontos estratégicos na cara. O autor concluiu que os participantes reagiam mais a frases relevantes (emocionais) do que irrelevantes, tal como tinha observado anteriormente. Concluiu também que ao lerem frases em L2 na forma positiva (e.g., Eu estou a sorrir), os músculos envolvidos no sorriso também se contraíam. No entanto, quando expostos a frases na negativa (e.g., Eu não estou a sorrir) não existia qualquer atividade muscular significativa ao contrário do que acontece em L1 (Foroni & Semin, 2013). Estas conclusões sugerem que, contrariamente ao esperado, a exposição a uma L2 provoca reações somáticas, mas estas são mais reduzidas do que em L1.

A breve revisão de literatura apresentada congrega evidência, por vezes contraditória, das diferenças no processamento emocional de L1 e L2. No entanto, um aspeto que permanece ainda pouco estudado é como é que as diferenças no processamento de L1 e L2 afetam a nossa perceção social, nomeadamente, como desenvolvemos e comunicamos estereótipos nas diferentes línguas. Tal é surpreendente uma vez que a literatura é vasta na documentação da importância da linguagem na emergência e transmissão de estereótipos como apresentaremos de seguida.

Linguistic Expectancy Bias e Comunicação de Estereótipos

Como referido anteriormente, existe ainda pouca literatura no âmbito da comunicação de estereótipos em diferentes línguas. Contudo, existem vários estudos que demonstram a importância das representações e comunicação de inferências comportamentais, assim como do papel central que a linguagem assume nestes processos. Maass, Salvi, Arcuri, e Semin (1989), foram dos primeiros autores a constatar a importância do papel da linguagem na comunicação de estereótipos e que denominaram *Linguistic Intergroup Bias* (LIB). O principal objetivo dos autores era compreender o porquê da persistência dos estereótipos e contribuir para um modelo que os explicasse através da linguagem. Especificamente, e segundo os autores, a existência de preconceitos intergrupais produz uma linguagem enviesada o que por sua vez contribui para persistência dos estereótipos.

No seu estudo, colocaram assim a hipótese de que os indivíduos utilizam linguagem enviesada quando se referem ao seu grupo (*ingroup*) e quando se referem a um grupo externo (*outgroup*). Resumidamente, segundo Maass e colaboradores (1989), num contexto intergrupar, os indivíduos têm uma predisposição para assumir que o seu grupo é melhor e

tem menos comportamentos indesejáveis do que os outros grupos. Os autores, propuseram que os mesmos comportamentos desempenhados por um membro do *ingroup* ou de um *outgroup* são codificados em níveis diferentes de abstração linguística que dependem se esses comportamentos são positivos ou negativos. Especificamente, quando o *ingroup* desempenha comportamentos positivos e um *outgroup* comportamentos negativos, estes são codificados com um nível mais elevado de abstração, enquanto que comportamentos negativos do *ingroup* e positivos do *outgroup* são codificados a um nível mais baixo de abstração. Estas diferentes codificações verificam-se também na comunicação dos comportamentos.

Para testar esta hipótese os autores realizaram um estudo com Italianos apoiantes de diferentes equipas de corrida de cavalos (Palio), o que se constituiu como a manipulação intergrupala. Apresentaram-lhes assim um conjunto de imagens que representavam membros das suas equipas e das outras a realizar comportamentos desejáveis (e.g., ajudar alguém) e indesejáveis (e.g., deitar lixo para o chão) e os participantes deveriam escolher uma de quatro alternativas linguísticas (e.g., um membro da equipa: 1 - bateu num cão; 2 - magoou um cão; 3 - odeia cães; 4 - é cruel.) que descreviam o comportamento apresentado nas imagens. Os autores basearam-se no *Linguistic Category Model* (LCM) proposto por Semin e Fiedler (1988) para formular as quatro alternativas. Segundo o LCM, as descrições mais concretas são feitas com recurso a mais verbos descritivos de ação como por exemplo, beijar, pontapear, empurrar, e as descrições mais abstratas são feitas com a utilização de mais adjetivos como honesto, simpático, mentiroso, e com mais verbos de estado como por exemplo, amar, detestar e admirar. Maass e colaboradores (1989), esperavam então que os participantes escolhessem a descrição mais abstrata para as imagens que representassem um membro da sua equipa a desempenhar comportamentos positivos (e.g., Um membro da equipa é *prestável*) e para as imagens que tivessem um membro de outra equipa a ter comportamentos negativos (e.g., Um membro da outra equipa é *violento*); e que escolhessem descrições menos abstratas para as imagens de membros da sua equipa a ter comportamentos negativos (e.g., Um membro da equipa *bateu* num cão) e membros de outra equipa a desempenhar comportamentos positivos (e.g., Um membro da outra equipa *beijou* a mulher quando ganhou). Os resultados mostraram que este fenómeno se verificava. Os autores concluíram assim que existia de facto uma linguagem enviesada em contextos intergrupais o que aponta para a importância da língua na transmissão de estereótipos. Num estudo semelhante, Maass, Milesi, Zabbini, e Stahlberg (1995), chegaram às mesmas conclusões, verificando ainda a

existência de outro efeito na comunicação de estereótipos, o *Linguistic Expectancy Bias* (LEB).

Os estudos realizados no âmbito do LEB mostram que quando se descreve um comportamento consistente com o esperado, o mesmo é descrito de forma muito mais abstrata do que quando não é consistente com o esperado (Maass et al., 1995). Por exemplo, quando nos é pedido para descrever uma situação em que uma amiga tenha tido um comportamento tipicamente masculino (e.g., disse palavrões enquanto via um jogo de futebol), este é descrito de forma muito mais concreta do que quando nos é pedido para descrever uma situação em que uma amiga tenha tido um comportamento tipicamente feminino (e.g., mostrou ser ciumenta). O LEB acontece porque temos tendência a ser muito mais concretos na descrição de comportamentos que não são consistentes com o alvo.

Na mesma linha, e com base nos pressupostos do *Linguistic Expectancy Bias*, Wigboldus, Semin, e Spears (2000), procuraram verificar como é que eventos relacionados com estereótipos são representados na linguagem. Para tal, pediram aos participantes para pensar num bom amigo ou amiga e descrever quatro tipos de comportamentos (de forma aleatória): uma situação em que o seu amigo/amiga tinha tido um comportamento desejável estereotipicamente feminino, um comportamento desejável estereotipicamente masculino, um comportamento indesejável estereotipicamente feminino e um comportamento indesejável estereotipicamente masculino. Os autores recorreram ao LCM (Semin & Fiedler, 1988) para verificar o nível de abstração das descrições realizadas pelos participantes. Os resultados obtidos pelos autores, confirmaram o efeito do LEB, ou seja, os participantes descreveram os comportamentos consistentes com o estereótipo de forma mais abstrata do que os comportamentos não consistentes com o estereótipo.

Objetivos e Hipóteses

O presente estudo pretende examinar as diferenças na comunicação em L1 e L2. Mais especificamente, pretende analisar a forma como indivíduos bilingues de Português Europeu (L1) e de Inglês (L2) descrevem comportamentos baseados em estereótipos de género nas duas línguas. Em primeiro lugar procuraremos replicar o estudo original de Wigboldus et al., (2000) em L1 e depois examinar os seus resultados quando conduzido em L2. Espera-se assim que quando os comportamentos a descrever são consistentes com o estereótipo do alvo (e.g., alvo masculino com comportamento estereotipicamente masculino) estes são comunicados de modo mais abstrato do que quando o estereótipo do alvo não é consistente

com o comportamento a descrever (e.g., alvo masculino com comportamento estereotipicamente feminino), seja em L1 ou em L2. No entanto, tal como descrito anteriormente, a literatura sugere diferenças no processamento de L1 e L2, nomeadamente que as experiências afetivas e sensório motoras associadas a L2 são limitadas em comparação com L1. Neste sentido, espera-se que a descrição de estereótipos em L2 seja mais abstrata em comparação com a descrição de estereótipos em L1. Finalmente, a proficiência em L2 poderá moderar os resultados, ou seja, quando os participantes são mais proficientes em L2, as diferenças na descrição dos estereótipos entre L1 e L2 serão atenuadas.

Método

Amostra e design

A amostra deste estudo foi constituída por 110 participantes sendo que 66 eram do sexo feminino e 44 do sexo masculino. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e os 66 ($M = 26.89$; $DP = 8.19$) e tinham como língua nativa o Português Europeu. Dos 110 participantes, 54 realizaram o estudo em Português (L1) e 56 em Inglês (L2).

Este estudo tem um design experimental 2 (desejabilidade do comportamento: desejável vs. indesejável) X 2 (estereotipicalidade do comportamento: feminino vs. masculino) X 2 (sexo do participante: feminino vs. masculino) X 2 (sexo do alvo: feminino vs. masculino) X 2 (língua: Português vs. Inglês). As variáveis desejabilidade do comportamento e estereotipicalidade do comportamento foram manipuladas intra-sujeitos, e as variáveis sexo do participante, sexo do alvo e língua manipuladas entre-sujeitos.

Instrumentos

O estudo foi realizado através de um questionário baseado no procedimento de Wigboldus et al. (2000) e apresentado aos participantes em L1 ou em L2. Para controlar a proficiência em L2 foi utilizado um teste de diagnóstico do nível de inglês, o *Cambridge Assessment* (disponível em <https://www.cambridgeenglish.org/in/test-your-english/adult-learners/>). Este teste é constituído por 25 perguntas com três possibilidades de resposta, sendo que só uma está correta.

Na tarefa experimental propriamente dita, pedia-se aos participantes para pensarem num bom amigo ou amiga (dependendo da versão atribuída) sobre o qual deveriam escrever quatro histórias diferentes apresentadas de forma aleatória. Nestas quatro histórias, os participantes deviam descrever uma situação em que o seu amigo ou amiga tinha demonstrado um comportamento desejável estereotipicamente feminino, ou seja, um comportamento positivo que geralmente se atribui a uma pessoa do sexo feminino (e.g., cuidar de um amigo quando este está doente); um comportamento desejável estereotipicamente masculino, isto é, um comportamento positivo que normalmente se atribui a uma pessoa do sexo masculino, (e.g., proteger uma amiga mais indefesa); um comportamento indesejável estereotipicamente feminino, ou seja, um comportamento negativo que se associa a pessoas do sexo feminino, (e.g., espalhar rumores sobre alguém); e um comportamento indesejável estereotipicamente

masculino, isto é, um comportamento negativo que se costuma associar a pessoas do sexo masculino (e.g., envolver-se numa briga com alguém).

Foi ainda utilizado o *Behavioral Identification Form* (BIF) (Vallacher & Wegner, 1989). O BIF é um questionário de 25 afirmações que transmitem uma ação (e.g., escovar os dentes) que é seguida por duas opções de resposta, sendo que cada uma representa uma alternativa de identificação da ação inicial. Este instrumento faz a distinção entre dois tipos de construtos do comportamento, um nível mais concreto que se refere à ação em si e em como é realizada (e.g., mover a escova de um lado para o outro dentro da boca) e um nível mais abstrato (e.g., prevenir cáries), relativo ao significado e ao porquê da ação ser realizada. A utilização do BIF no presente estudo teve como objetivo introduzir uma medida adicional de forma testar a hipótese de que as pessoas fazem descrições mais concretas na sua língua nativa (L1) e descrições mais abstratas numa segunda língua (L2). O BIF foi apresentado em Inglês na versão do estudo em Inglês e em Português na versão Portuguesa. Os itens do BIF foram apresentados de forma aleatória.

Procedimento

O presente estudo foi realizado online através da plataforma Qualtrics®. Os participantes foram abordados através das redes sociais como o *Facebook*, *Linkedin* e *Twitter* e através da rede de contactos pessoais.

Em primeiro lugar, os participantes foram informados que o estudo fazia parte de um projeto de Mestrado do ISCTE-IUL com duração de cerca de 25 minutos e conduzido em conformidade com as normas éticas vigentes. De seguida, foi apresentado o consentimento informado onde foi explicado que a participação era voluntária e, como tal, os participantes podiam desistir do estudo a qualquer momento. Como critérios para a participação neste estudo, os participantes deviam ter idade igual ou superior a 18 anos, ter o Português Europeu como língua nativa, e ter um nível intermédio de domínio da língua inglesa. Após o participante dar o seu consentimento, devia indicar a sua idade, sexo e língua materna.

Em seguida, os participantes completaram o *Cambridge English Assessment*. Com base no resultado deste teste, os participantes realizaram o resto da experiência em Inglês (caso respondessem a 16 ou mais perguntas corretamente) ou em Português (caso o seu desempenho fosse inferior a 16 respostas corretas). Optou-se por direcionar os participantes para o resto do estudo em Inglês se estes obtivessem uma pontuação de 16 ou mais perguntas corretas uma vez que a mesma equivale a um nível de Inglês intermédio segundo as

classificações da *Cambridge School* (a pontuação igual ou superior a 16 respostas corretas das 25 colocadas corresponde ao nível B1 ou B2 da *Cambridge School*). Os participantes (N=56) que realizaram o estudo em L2 obtiveram pontuações acima de 16 ($M = 20.30$; $DP = 2.37$).

Seguidamente pediu-se aos participantes para pensarem num amigo ou amiga próximo e que indicassem alguns aspetos sobre o mesmo como a sua idade, o seu primeiro nome e desde quando o/a conheciam. Os participantes deviam então escrever as quatro histórias anteriormente explicadas sobre esse amigo/amiga. Após terminarem, os participantes responderam ao BIF, selecionando a opção de resposta que consideravam mais acertada. No final do BIF os participantes foram informados que a tarefa tinha terminado e agradecia-se a sua participação.

Resultados

Para analisar os resultados procedeu-se, em primeiro lugar, à categorização das histórias de acordo com o *Linguistic Category Model* (LCM; Semin & Fiedler, 1988). Esta categorização foi realizada por quatro juízes independentes. Tendo por base o LCM, foram identificados todos os verbos e adjetivos de cada história aos quais foi atribuída a pontuação estabelecida pelo modelo. Foram assim contabilizados todos os verbos descritivos de ação (correspondente a 1 ponto visto serem os níveis mais concretos de descrição), os verbos interpretativos de ação (correspondente a 2 pontos), os verbos de estado (correspondente a 3 pontos) e todos os adjetivos (correspondente a 4 pontos visto serem os níveis mais abstratos de descrição). Após esta contabilização, foi obtido um *score* geral de abstração para cada história. Este foi realizado através da divisão do *score* de cada história pelo total de informação codificada. Por exemplo se uma história referir três adjetivos e um verbo interpretativo de ação, o score é calculado através da multiplicação de cada palavra pela pontuação respetiva (neste caso seria $3*4+1*2$) dividido pelo total de palavras codificadas (neste caso, 10/4).

No decorrer das codificações, verificou-se a existência de alguns *missings* uma vez que nem todos os participantes escreveram as quatro histórias. Como tal, os participantes que não realizaram todas as descrições foram automaticamente eliminados nas ANOVAS realizadas com medidas repetidas, o que se traduziu numa amostra final de 65 participantes nas análises realizadas com o LCM.

Para testar as duas primeiras hipóteses foi realizada uma ANOVA mista com design 2 (sexo participante) x 2 (sexo do alvo) x 2 (língua) x 2 (desejabilidade do comportamento) x 2 (estereotipicalidade do comportamento), os dois últimos fatores intra-sujeitos.

Tal como no estudo original, os resultados revelaram que o efeito principal da desejabilidade do comportamento, $F(1, 64) = 2.06, p = .156$, e da estereotipicalidade do comportamento, $F(1, 64) = 2.24, p = .139$ não foram estatisticamente significativos. Os efeitos principais do sexo do participante, sexo do alvo e língua também não se revelaram estatisticamente significativos, $F_s < 1$.

Replicando resultados anteriores, observou-se uma interação significativa entre as variáveis estereotipicalidade do comportamento e sexo do alvo, $F(1, 64) = 13.92, p < .001, \eta_p^2 = .179$. Para explorar este efeito de interação foram realizadas duas ANOVAS unifatoriais (i.e., em função do sexo do alvo) que revelaram que os comportamentos descritos como

estereotipicamente femininos foram mais abstratos quando o alvo era feminino ($M = 2.28$, $EP = 0.13$) do que quando era masculino ($M = 1.98$, $EP = 0.14$), $F(1, 101) = 5.43$, $p = .022$. Adicionalmente, as histórias estereotipicamente masculinas foram mais abstratas para alvos masculinos ($M = 2.57$, $EP = 0.16$) do que para alvos femininos ($M = 2.03$, $EP = 0.14$), $F(1, 104) = 14.57$, $p < .001$. Esta interação suporta o LEB uma vez que como o mesmo indica, informação consistente com o alvo é comunicada de forma mais abstrata do que informação inconsistente com o alvo.

Não obstante o efeito principal da Língua e a sua interação com as restantes variáveis não terem sido significativas, tal como proposto na nossa segunda hipótese, considerámos importante esclarecer se o LEB é replicado em ambas as línguas ou apenas em L1. Para tal, foram conduzidas duas ANOVAS mistas, uma L1 e outra em L2, com design de 2 (sexo participante) x 2 (sexo do alvo) x 2 (desejabilidade do comportamento) x 2 (estereotipicidade do comportamento), os dois últimos fatores intra-sujeitos. Os resultados revelaram que nenhum dos efeitos principais foi estatisticamente significativo, p 's $> .05$, em nenhuma das línguas. O efeito de interação crítico entre estereotipicidade do comportamento e o sexo do alvo foi estatisticamente significativo tanto em L1, $F(1, 25) = 8.93$, $p = .006$, $\eta_p^2 = .263$, como em L2, $F(1, 39) = 6.20$, $p = .017$, $\eta_p^2 = .137$. Embora o efeito se verifique nas duas línguas salienta-se, no entanto, que o tamanho do efeito é maior em L1 que em L2. Este aspeto será melhor explorado na discussão geral.

Duas ANOVAS unifatoriais, para alvos femininos e masculinos, revelaram ainda que os comportamentos descritos como estereotipicamente femininos foram mais abstratos quando o alvo era feminino ($M_{L1} = 2.24$, $EP = 0.21$) do que quando era masculino ($M_{L1} = 1.85$, $EP = 0.20$) apenas em L1, $F(1, 46) = 6.29$, $p = .016$. Em L2, este efeito não foi significativo, $F < 1$ ($M_{Fem} = 2.33$, $EP = 0.14$; $M_{Masc} = 2.10$, $EP = 0.19$). As histórias estereotipicamente masculinas foram mais abstratas para alvos masculinos ($M_{L1} = 2.60$, $EP = 0.25$; $M_{L2} = 2.55$, $EP = 0.20$) do que para alvos femininos ($M_{L1} = 2.07$, $EP = 0.27$; $M_{L2} = 1.98$, $EP = 0.15$) quer em L1, $F(1, 51) = 4.49$, $p = .039$, quer em L2, $F(1, 51) = 11.61$, $p = .001$.

Verificou-se ainda em L1, a existência de um efeito de interação triplo não interpretável entre desejabilidade do comportamento, sexo do alvo e sexo do participante, $F(1, 25) = 5.52$, $p = .027$, $\eta_p^2 = .180$.

De forma a testar a terceira hipótese, ou seja, se as diferenças entre L1 e L2 poderiam ser atenuadas quando a proficiência em Inglês era elevada, foi realizada uma regressão linear

simples com o nível de Inglês dos participantes como fator e o nível de abstração como variável dependente. Os resultados indicam que não existe uma influência significativa do nível de proficiência de Inglês no nível de abstração da descrição das histórias, $\beta = -0.144$, $p = .291$. É possível que estes resultados tenham sido causados pela boa proficiência de todos os participantes, assunto que será retomado na discussão.

Para analisar os resultados do BIF foi realizada uma ANOVA unifatorial com os valores obtidos. Verificou-se que não existem diferenças significativas ($F < 1$) em função da Língua, o que indica que as respostas ao BIF foram semelhantes em Português ($M = 14.89$; $DP = 5.32$) e em Inglês ($M = 14.12$; $DP = 5.12$) ao nível de abstração.

Foi ainda realizada uma regressão linear simples com o nível de Inglês dos participantes como fator e os resultados do BIF como variável dependente de forma a verificar se o nível de abstração nas respostas do BIF era influenciado pela proficiência em Inglês. Os resultados mostram que não existe uma influência significativa do nível de proficiência de Inglês no nível de abstração das respostas ao BIF, $\beta = -0.129$, $p = .342$.

Discussão Geral

As exigências profissionais, educacionais e até mesmo sociais do mundo cada vez mais globalizado em que vivemos exigem o domínio de pelo menos mais do que uma língua, para além da nativa. A intensificação do bilinguismo salienta assim a necessidade de se estudar e perceber as diferenças nos processos afetivos e cognitivos subjacentes à comunicação em L1 e L2.

A literatura tem mostrado que L1 e L2 diferem em alguns processos nomeadamente a nível emocional e sensório-motor. Uma vez que, geralmente, aprendemos as duas línguas em alturas diferentes da vida (L1 mais cedo), e em contextos diferentes (L1 na família), as oportunidades de condicionamento sensório-motor e afetivo oferecidas em L1 são bastante maiores (e.g., Azevedo, 2016). Estas diferenças fazem com que a nossa comunicação e compreensão seja diferente em L1 e em L2.

São vários também os estudos que indicam que a linguagem assume um papel fundamental nos processos de comunicação e inferência comportamental, particularmente importante na emergência de estereótipos (e.g., Maass et al., 1989). Por exemplo, os estudos realizados no âmbito do *Linguistic Expectancy Bias* (Wigboldus et al., 2000) evidenciam que os indivíduos têm tendência para comunicar estereótipos de forma mais abstrata quando estes são consistentes com o comportamento desempenhado. Ou seja, quando comunicamos ou inferimos algo acerca de um comportamento que é consistente com o estereótipo de, por exemplo, uma mulher, tendemos a ser mais abstratos do que quando o fazemos relativamente a um comportamento inconsistente.

Embora a literatura sobre as diferenças entre L1 e L2 seja vasta, tendo sido documentadas em estudos clínicos, experimentais, e psicofisiológicos, tanto quanto sabemos a forma como comunicar em L1 e L2 afeta a perceção social nunca foi investigada. O objetivo central deste estudo, foi precisamente examinar as diferenças na comunicação de estereótipos, numa primeira e numa segunda língua. Especificamente procurou-se analisar a forma como indivíduos bilingues descrevem comportamentos baseados em estereótipos de género em Português (L1) e em Inglês (L2). Procurou-se em primeiro lugar, replicar os resultados obtidos por Wigboldus et al., (2000) no âmbito do LEB quando testado em L1, e explorar pela primeira vez a sua emergência em L2. Para além disto, foram estipuladas ainda outras duas hipóteses; de que a descrição de estereótipos em L2 é mais abstrata em comparação com L1; e

de que quando os participantes são mais proficientes em L2, as diferenças na descrição de estereótipos entre L1 e L2 podem ser atenuadas ou até mesmo eliminadas.

Os resultados obtidos permitiram replicar o estudo original de Wigboldus et al. (2000), isto é, verificou-se que os participantes produziram descrições mais abstratas quando lhes era pedido que reportassem um comportamento que era consistente com o alvo (e.g., comportamento estereotipicamente feminino de uma mulher). Pelo contrário, e como esperado, os participantes realizaram descrições menos abstratas quando o comportamento era inconsistente com o alvo (e.g., comportamento estereotipicamente feminino de um homem). Estes resultados permitiram confirmar a nossa primeira hipótese.

Verificou-se também que o LEB é replicado em ambas as línguas. Contudo, foi possível observar que o tamanho do efeito foi maior em Português do que em Inglês, e que em L2 não se generalizou aos dois tipos de alvo. Em Inglês o efeito de LEB só foi confirmado para comportamentos estereotipicamente femininos sendo que não se verificou um efeito significativo nos estereotipicamente masculinos. Estes resultados sugerem que estudos futuros com maior poder estatístico poderão eventualmente testar se este padrão de resultados se mantém, ou seja, se o LEB tende a atenuar-se ou mesmo desaparecer em L2.

A segunda hipótese, de que a descrição de estereótipos em L2 seria mais abstrata em comparação com a descrição de estereótipos em L1, não se verificou, uma vez que a língua utilizada não influenciou significativamente o nível de abstração dos comportamentos descritos. Tendo em consideração a amostra reduzida do presente estudo, seria importante estudos futuros testarem este argumento numa amostra com maior poder estatístico.

Finalmente, a terceira hipótese colocada, relativa ao papel moderador da proficiência em L2 também não foi confirmada, sugerindo que a proficiência em L2 não influencia o grau de abstração com que os participantes fazem as suas descrições.

Os resultados do BIF confirmam também a ausência de diferenças entre L1 e L2 no nível de abstração das respostas e ainda a ausência do papel moderador da proficiência em L2 nas mesmas, convergindo assim com os resultados observados relativamente ao LEB.

Tal como a maioria dos estudos experimentais, o presente estudo apresenta algumas limitações sobre as quais refletimos e que futuros estudos poderão tentar minimizar.

Em primeiro lugar, é de salientar que a amostra ficou consideravelmente reduzida devido ao facto de muitos participantes não terem respondido a todas as descrições solicitadas. Cerca de metade da amostra inicialmente recolhida não foi considerada na maioria

das análises estatísticas realizadas o que diminuiu significativamente o poder de teste. Tal poderá justificar-se com base na duração do estudo o que pode ter levado os participantes a não investir tanto na descrição das histórias. Em estudos futuros poderia diminuir-se a duração do estudo pedindo a cada participante para realizar apenas a descrição de duas histórias estereotípicas com valências diferentes. Outra possibilidade seria realizar o estudo presencialmente. Se o estudo fosse realizado em laboratório, mesmo mantendo a duração atual, os participantes poderiam investir mais devido ao contexto em que estariam inseridos.

Uma outra potencial limitação foi que, durante a categorização e análise das histórias se constatou que nem sempre os participantes realizavam as descrições de acordo com o que era solicitado. Por exemplo, nem sempre foi evidente que a descrição apresentada correspondia ao estereótipo ou à valência pretendida. Embora alguma variabilidade possa ser aceitável e até desejável neste tipo de estudos, o facto de alguns participantes não terem lido com atenção as instruções ou não terem percebido a tarefa poderá constituir uma limitação aos resultados reportados. Estudos futuros poderão considerar incluir exemplos bem definidos e objetivos de cada descrição pedida. Isto é, para cada história poderia indicar-se exemplos estruturados do que é pedido, como por exemplo, o que é que se considera que é uma mulher a ter comportamentos positivos estereotipicamente masculinos. Contudo, ao incluir-se estes exemplos poderá correr-se o risco dos participantes os utilizarem quando não souberem o que descrever. A realização do estudo em contexto de laboratório poderá ser também uma alternativa para solucionar esta questão uma vez que permite aos participantes estarem mais atentos, mais motivados e esclarecer as suas eventuais dúvidas relativamente à tarefa que lhes é solicitada.

Outro potencial constrangimento do presente estudo foi o facto dos participantes que realizaram o estudo em Inglês, terem obtido globalmente pontuações bastante elevadas. Este aspeto poderá ter impactado os resultados na medida em que uma elevada proficiência em L2 poderá atenuar as diferenças relativas a L1. Por outras palavras, uma elevada proficiência poderá não permitir a variabilidade necessária para obter diferenças significativas entre L1 e L2. Além disso, a própria falta de variabilidade em L2 poderá constranger a deteção do efeito da proficiência nos níveis de abstração observados nas várias tarefas. Em estudos futuros deveria considerar-se realizar a avaliação da segunda língua e analisar os resultados antes de prosseguir para a tarefa experimental. Ou seja, para evitar que os resultados sejam enviesados por altos níveis de proficiência, e após ser feita uma avaliação do nível de Inglês de cada participante, selecionar uma amostra com maior variabilidade em L2.

Finalmente, em futuros estudos sugere-se a utilização de outra segunda língua que não o Inglês. Há muitos anos que a língua Inglesa é ensinada nas escolas. Além disso a exposição a esta língua na música, no cinema, na TV e nos media em geral, poderá atenuar as diferenças que apresenta relativamente a L1.

Apesar de não ser conclusivo, o presente estudo constitui-se como um passo importante em direção ao conhecimento sobre o impacto das diferenças entre uma primeira e uma segunda língua em contextos de percepção social. Para além disso foi possível replicar o LEB o que se apresenta como um fator importante no reforço da proposta de Wigboldus et al. (2000).

Embora não tenha sido possível confirmar a hipótese de que a língua que utilizamos influencia a comunicação de estereótipos, seria importante em futuros estudos retomar esta ideia introduzindo algumas alterações metodológicas. Estas incluem uma maior amostra para aumentar o poder de teste, a realização do estudo em contexto laboratorial, de forma a permitir clarificar as instruções e aumentar a taxa e a qualidade das respostas, e ainda procurar maior variabilidade em L2.

Não obstante, e face à prevalência do bilinguismo e multilinguismo no mundo atual consideramos essencial que a literatura acompanhe este fenómeno na tentativa de investigar de forma sistemática como é que indivíduos processam e comunicam nas diferentes línguas.

Referências

- Anooshian, L. J., & Hertel, P. T. (1994). Emotionality in free recall: Language specificity in bilingual memory. *Cognition and Emotion*, 8, 503-514. doi: 10.1080/02699939408408956
- Ayçiçeği, A., & Harris, C. L. (2004). Bilinguals' recall and recognition of emotion words. *Cognition and Emotion*, 18, 977-987. doi: 10.1080/02699930341000301
- Ayçiçeği-Dinn, A., & Caldwell-Harris, C. (2009). Emotion-memory effects in bilingual speakers: A levels-of-processing approach. *Bilingualism*, 12, 291-303. doi: 10.1017/S1366728909990125
- Azevedo, C. M. (2016). *Social cognitive consequences of differences in the emotional grounding of concepts: The role of embodiment*. (Tese de Doutoramento). ISCTE-IUL: Lisboa.
- Bond, M. H., & Lai, T-M. (1986). Embarrassment and code-switching into a second language. *The Journal of Social Psychology*, 126, 179-186.
- Caldwell-Harris, C. L. (2015). Emotionality differences between a native and foreign language: Implications for everyday life. *Current Directions in Psychological Science*, 24, 214-219. doi: 10.1177/0963721414566268
- Costa, A., Foucart, A., Hayakawa, S., Aparici, M., Apesteguia, J., Heafner, J., & Keysar, B. (2014). Your morals depend on language. *PLOS ONE* 9: e94842. doi: 10.1371/journal.pone.0094842
- Dewaele, J-M. (2004). The emotional force of swearwords and taboo words in the speech of multilinguals. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 25, 204-222. doi: 10.1080/01434630408666529
- Dewaele, J-M. (2008). The emotional weight of *I love you* in multilinguals' languages. *Journal of Pragmatics*, 40, 1753-1780. doi: 10.1016/j.pragma.2008.03.002
- Dewaele, J-M. (2010). "Christ fucking shit merde!" Language preferences for swearing among maximally proficient multilinguals. *Sociolinguistic Studies*, 3, 595-614. doi: 10.1558/sols.v4i3.595
- Dewaele, J-M., & Costa, B. (2013). Multilingual clients' experience of psychotherapy. *Language and Psychoanalysis*, 2, 31-50. doi: 10.7565/landp.2013.0005

- Dewaele, J.-M., & Nakano, S. (2013). Multilinguals' perceptions of feeling different when switching languages. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 34, 107-120. doi: 10.1080/01434632.2012.712133
- Eilola, T. M., Havelka, J., & Sharma, D. (2007). Emotional activation in the first and second language. *Cognition and Emotion*, 21, 1064–1076. doi: 10.1080/02699930601054109
- Ferré, P., García, T., Fraga, I., Sánchez-Casas, R., & Molero, M. (2010). Memory for emotional words in bilinguals: Do words have the same emotional intensity in the first and in the second language?. *Cognition and Emotion*, 24, 760-785. doi: 10.1080/02699930902985779
- Foot, P. (1967). The problem of abortion and the doctrine of double effect. *Oxford Review*, 5, 5-15.
- Froni, F. (2015). Do we embody second language? Evidence for 'partial' simulation during processing of a second language. *Brain and Cognition*, 99, 8-16. doi: 10.1016/j.bandc.2015.06.006
- Froni, F., & Semin, G. R. (2013). Comprehension of action negation involves inhibitory simulation. *Frontiers in Human Neuroscience*, 7, 209. doi: 10.3389/fnhum.2013.00209
- Garrido, M. V., & Prada, M. (2018). Comparing the valence, emotionality and subjective familiarity of words in a first and a second language. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 1-17. doi: 10.1080/13670050.2018.1456514
- Gawinkowska, M., Paradowski, M. B., & Bilewicz, M. (2013). Second language as an exemptor from sociocultural norms. Emotion-Related language choice revisited. *PLOS ONE* 8: e81225. doi: 10.1371/journal.pone.0081225
- Geipel, J., Hadjichristidis, C., & Surian, L. (2015). How foreign language shapes moral judgment. *Journal of Experimental Social Psychology*, 59, 8-17. doi: 10.1016/j.jesp.2015.02.001
- Harris, C. L., Aycıçegi, A., Gleason, J. B. (2003). Taboo words and reprimands elicit greater autonomic reactivity in a first language than in a second language. *Applied Psycholinguistics*, 24, 561-579. doi: 10.1017.S0142716403000286

- Harris, C. L. (2004). Bilingual speakers in the lab: Psychophysiological measures of emotional reactivity. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 25, 223-247. doi:10.1080/01434630408666530
- Itzhak, I., Vingron, N., Baum, S. R., & Titone, D. (2017). Bilingualism in the real world: How proficiency, emotion, and personality in a second language impact communication in clinical and legal settings. *Translational Issues in Psychological Science*, 3, 48-65. doi: 10.1037/tps0000103
- Kazanas, S. A., & Altarriba, J. (2016). Emotion word processing: Effects of word type and valence in Spanish-English bilinguals. *Journal of Psycholinguistic Research* 45, 395-406. doi: 10.1007/s10936-015-9357-3.
- Maass, A., Milesi, A., Zabbini, S., & Stahlberg, D. (1995). Linguistic intergroup bias: Differential expectancies or in-group protection? *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 116-126. doi: 10.1037/0022-3514.68.1.116
- Maass, A., Salvi, D., Arcuri, L., & Semin, G. R. (1989). Language use in intergroup contexts: The linguistic intergroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 981-993. doi: 10.1037/0022-3514.57.6.981
- Marian, V., & Kaushanskaya, M. (2008). Words, feelings, and bilingualism. *The Mental Lexicon* 3, 72–90. doi: 10.1075/ml.3. 1.06mar
- Marmolejo, G., Diliberto-Macaluso, K. A., & Altarriba, J. E. (2009). False memory in bilinguals: Does switching languages increase false memories?. *The American Journal of Psychology*, 122, 1–16.
- Matsumoto, D., & Assar, M. (1992). The effects of language on judgments of universal facial expressions of emotion. *Journal of Nonverbal Behavior*, 16, 85-99. doi: 10.1007/bf00990324
- Matsumoto, D., Anguas-Wong, A. M., & Martinez, E. (2008). Priming effects of language on emotion judgments in Spanish-English bilinguals. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 39, 335-342. doi: 10.1177/0022022108315489
- Pavlenko, A. (2002). Bilingualism and emotions. *Multilingua*, 21, 45-78. doi: 10.1515/mult.2002.004

- Ponari, M., Rodríguez-Cuadrado, S., Vinson, D., Fox, N., Costa, A., & Vigliocco, G. (2015). Processing advantage for emotional words in bilingual speakers. *Emotion, 15*, 644-652. doi: 10.1037/emo0000061
- Santiago-Rivera, A. L., Altarriba, J., Poll, N., Gonzalez-Miller, N., & Cragun, C. (2009). Therapists' views on working with bilingual Spanish-English speaking clients: A qualitative investigation. *Professional Psychology: Research and Practice, 40*, 436-443. doi: 10.1037/a0015933
- Semin, G. R., & Fiedler, K. (1988). The cognitive functions of linguistic categories in describing persons: Social cognition and language. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 558-568. doi: 10.1037/0022-3514.54.4.558
- Simcox, T., Pilotti, M., Mahamane, S., & Romero, E. (2012). Does the language in which aversive stimuli are presented affect their processing? *International Journal of Bilingualism, 16*, 419-427. doi: 10.1177/1367006911425821
- Vallacher, R. R., & Wegner, D. M. (1989). Levels of personal agency: Individual variation in action identification. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 660-671. doi: 10.1037/0022-3514.57.4.660
- Wigboldus, D. H. J., Semin, G. R., & Spears, R. (2000). How do we communicate stereotypes? Linguistic bases and inferential consequences. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*, 5-18. doi: 10.1037//0022-3514.78.1.5